

O COMPLEXO ORACIONAL E O SISTEMA DE INTERDEPENDÊNCIA (TAXE) NA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF): FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DA EXPANSÃO EM TEXTOS ACADÊMICOS

THE ORATIONAL COMPLEX AND THE INTERDEPENDENCY SYSTEM (TAXE) IN SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS (SFL): THEORETICAL FOUNDATIONS FOR THE ANALYSIS OF EXPANSION IN ACADEMIC TEXTS

EL COMPLEJO ORACIONAL Y EL SISTEMA DE INTERDEPENDENCIA (TAXE) EN LA LINGÜÍSTICA SISTÉMICO-FUNCIONAL (LSF): FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA EL ANÁLISIS DE LA EXPANSIÓN EN TEXTOS ACADÉMICOS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-389>

Data de submissão: 29/10/2025

Data de publicação: 29/11/2025

Sayhara Mota Sampaio

Doutoranda em Letras

Instituição: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: sayharasampaio@gmail.com

Maísa Maria dos Santos Guilherme

Doutoranda em Letras

Instituição: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: maisa.guilhermejs@gmail.com

Wellington Vieira Mendes

Doutor em Estudos da Linguagem

Instituição: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: wellingtonmendes@uern.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão teórica acerca do Complexo Oracional e do Sistema de Interdependência (taxis) na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), com ênfase nas relações lógico-semânticas de Expansão. A partir de autores como Halliday & Matthiessen, Neves, Prestes, Mello, entre outros, sintetizam-se os fundamentos conceituais que explicam a articulação entre orações, destacando-se as distinções entre parataxe e hipotaxe, projeção e expansão, bem como as subcategorias de elaboração, extensão e intensificação. A revisão evidencia que o complexo oracional, na LSF, é compreendido como uma unidade de sentido que organiza o fluxo informational e estrutura a progressão temática no texto. O artigo oferece uma visão integrada e funcional das relações que constituem a lógica interna dos textos acadêmicos, contribuindo para análises futuras no campo dos estudos linguísticos.

Palavras-chave: LSF. Complexo Oracional. Interdependência. Relações Lógico-Semânticas. Expansão.

ABSTRACT

This article presents a theoretical review of the Sentence Complex and the System of Interdependence (taxis) in Systemic-Functional Linguistics (SFL), with emphasis on the logical-semantic relations of Expansion. Based on authors such as Halliday & Matthiessen, Neves, Prestes, Mello, among others, the conceptual foundations that explain the articulation between sentences are synthesized, highlighting the distinctions between parataxis and hypotaxis, projection and expansion, as well as the subcategories of elaboration, extension, and intensification. The review shows that the sentence complex, in SFL, is understood as a unit of meaning that organizes the informational flow and structures the thematic progression in the text. The article offers an integrated and functional view of the relations that constitute the internal logic of academic texts, contributing to future analyses in the field of linguistic studies.

Keywords: SFL. Sentence Complex. Interdependence. Logical-Semantic Relations. Expansion.

RESUMEN

Este artículo presenta una revisión teórica sobre el Complejo Oracional y el Sistema de Interdependencia (taxis) en la Lingüística Sistémico-Funcional (LSF), con énfasis en las relaciones lógico-semánticas de Expansión. A partir de autores como Halliday & Matthiessen, Neves, Prestes, Mello, entre otros, se sintetizan los fundamentos conceptuales que explican la articulación entre oraciones, destacando las distinciones entre parataxis e hipotaxis, proyección y expansión, así como las subcategorías de elaboración, extensión e intensificación. La revisión evidencia que el complejo oracional, en la LSF, se entiende como una unidad de sentido que organiza el flujo informativo y estructura la progresión temática en el texto. El artículo ofrece una visión integrada y funcional de las relaciones que constituyen la lógica interna de los textos académicos, contribuyendo a futuros análisis en el campo de los estudios lingüísticos.

Palabras clave: LSF. Complejo Oracional. Interdependencia. Relaciones Lógico-Semánticas. Expansión.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão do funcionamento das orações e das relações que se estabelecem entre elas constitui um aspecto central para o estudo do texto e do discurso, sobretudo no âmbito acadêmico, em que a construção do conhecimento depende de modos específicos de organizar ideias, articular informações e estabelecer conexões lógicas.

Nesse cenário, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday e desenvolvida posteriormente por Halliday & Matthiessen, oferece um aparato teórico robusto para explicar como a língua funciona em uso, articulando níveis estruturais, semânticos e discursivos de forma integrada. A LSF desloca o foco da descrição gramatical para a análise funcional da linguagem, entendendo que cada escolha realizada pelo falante ou escritor está vinculada a significados que emergem em contextos reais de interação.

Entre os sistemas da LSF, o estudo do Complexo Oracional ocupa lugar de destaque por tratar da maneira como as orações se combinam para construir sequências discursivas, configurando unidades de sentido mais amplas do que a oração isolada. No interior desse complexo, dois sistemas se tornam fundamentais: o Sistema de Interdependência (taxis), que distingue relações de parataxe e hipotaxe, e o Sistema Lógico-Semântico, que organiza os modos pelos quais uma oração pode projetar outra ou expandi-la. Tais sistemas permitem compreender não apenas a ligação sintática entre orações, mas, sobretudo, os sentidos que emergem dessas combinações, sentidos que são essenciais para a progressão temática e a fluidez textual.

Embora a tradição gramatical trate a coordenação e a subordinação de forma predominantemente estrutural, a LSF amplia essa discussão ao propor que a articulação oracional é motivada por funções semânticas e discursivas. Por isso, estudos como os de Neves (2006), Prestes (2003), Mello (2015), Hopper & Traugott (1993), entre outros, têm contribuído para aprofundar a compreensão das relações entre orações a partir de uma perspectiva funcional. Ainda assim, observa-se que análises especificamente fundamentadas na LSF, sobretudo no que diz respeito às Relações Lógico-Semânticas de Expansão (Elaboração, Extensão e Intensificação), permanecem relativamente pouco exploradas, especialmente no gênero artigo acadêmico.

Diante dessa lacuna, este artigo apresenta uma revisão teórica sistematizada sobre o Complexo Oracional e o Sistema de Interdependência na LSF, com ênfase nas Relações Lógico-Semânticas de Expansão. O objetivo é reunir, organizar e discutir os principais conceitos que explicam como as orações se articulam para construir sentidos dentro do complexo oracional e entre complexos distintos. Pretende-se, desse modo, oferecer aos pesquisadores um panorama claro e fundamentado sobre os

mecanismos que sustentam a organização lógica do texto, contribuindo tanto para estudos linguísticos quanto para práticas de leitura, escrita e análise textual no meio acadêmico.

Assim, esta revisão busca não apenas mapear os fundamentos teóricos já consolidados, mas também evidenciar a relevância do olhar sistêmico-funcional para o entendimento da gramática em uso. Ao destacar o papel da Expansão — seja para reformular, adicionar ou intensificar informações —, o estudo reforça a importância das escolhas linguísticas na constituição do sentido e aponta caminhos para análises futuras que integrem gramática, semântica e discurso de maneira articulada.

1.1 O COMPLEXO ORACIONAL

As relações estabelecidas pelas frases e orações sempre foram objetos de estudos de várias vertentes, como a estruturalista, a gerativista e o funcionalismo linguístico. Aprofundar nesse conhecimento possibilita entender como elas são realizadas e compreendidas no processo comunicativo.

Para Cunha e Cintra (1985) a frase é definida como um enunciado de sentido completo e que possui uma ou mais orações, havendo um verbo que estará explícito ou implícito. A frase, portanto, que possui uma oração pode ser considerada como frase simples ou apenas oração, ao passo que, a frase que agrupa mais de uma oração pode ser considerada como frase complexa ou complexo oracional.

Segundo Halliday (2004) as orações estão bem articuladasumas às outras através de relações específicas para formar complexos oracionais. Desta maneira, um complexo oracional de modo simplista é considerado uma frase que possui mais de uma oração que estão interligadas de alguma forma, a manter alguma relação lógico e semântica.

O complexo oracional se materializa na forma linguística através de sentenças. Esse, se realiza como um instrumento da linguagem escrita, possibilitando a comunicação efetiva entre os falantes de uma dada língua. Halliday e Mathissen (2004, p.365) nos afirma que: “Semanticamente, o efeito de combinar orações num complexo oracional é parte da integração no sentido: as sequências realizadas gramaticalmente são construídos como sendo subsequências dentro da sequência total dos eventos que fazem um episódio completo (...). As relações, então, estabelecidas nos complexos oracionais vão além das estruturas sintáticas bem elaboradas. Essas perpassam os aspectos informacionais contidos nos complexos e mantém um elo estreito com conhecimentos dispostos pelo enunciador.

Com efeito, as relações entre as orações, mesmo que pareçam simples, demandam inúmeras complexidades dentro do complexo oracional e estão relacionadas sempre com conteúdos semânticos.

O enunciador não elabora seus complexos oracionais a partir de estruturas sintáticas, mas pelo contrário, partem de relações semânticas, para só depois estruturá-las linguisticamente. Para compreendermos esse processo a seguir tem-se os níveis e escala descritiva da gramática:

Figura 1 - Níveis e escala descritiva da gramática



Fonte: Elaborado a partir de Gouveia, 2009

A partir da figura 1 reforça a noção defendida anteriormente, bem como demonstra como os participantes do processo comunicativo criam estruturas que podem partir do nível superior para o inferior ou o contrário. Cada complexo oracional produzido implicará grupos de verbos, sendo este o elemento principal, que selecionará os demais para compor as orações. Ela manifesta significações e experiências do enunciador que no processo comunicativo partilha com os interlocutores.

Cada complexo oracional, assim, constitui um esquema próprio e único interpretando experiências do enunciador no fluxo de eventos. Para tanto, os envolvidos partilham informações e contribuem efetivamente para o processo comunicativo. Segundo Halliday e Matthiessen (2004) ao instanciar a linguagem, o texto irá materializar-se em orações, que pode, consequentemente, ligar-seumas às outras formando, portanto, o complexo oracional.

Na formação do complexo oracional há dois sistemas pelos quais as orações se relacionam entre si. As orações, estabelecem relações específicas através do (i) **sistema de Intedependência ou Taxe**, sendo relativo ao grau de interdependência entre as orações (parataxe e hipotaxe) e (ii) o **Sistema Lógico-Semântico**, que está relacionado as possíveis combinações entre um elemento primário e

secundário (projeção e expansão). Sendo dimensões funcionais de um complexo oracional. Nas próximas seções trataremos sobre essas informações.

1.2 O SISTEMA DE INTERDEPENDÊNCIA

O Sistema de Interdependência é postulado por Halliday (1994) considerado como um dos elementos que envolvem os aspectos estruturais lógico da linguagem, e a partir dela se dar o segundo sistema as Relações Lógico-Semânticas. O grau de interdependência também é conhecida de forma técnica como *taxis*, sendo responsável pelo modo de articulação léxico gramatical e do nível de dependência/encaixamento. As orações podem estar dispostas e relacionadas como interdependentes dentro do interior de um complexo podendo haver um status de igualdade ou desigualdade.

No sistema taxe, são estabelecidos diferentes graus de interdependência que liga as orações. Desta forma, possibilita ao enunciador criar dois tipos de complexos oracionais. No primeiro, a **parataxe**, em que fará associações de orações com o mesmo status, tanto as primárias, quanto as secundárias. Uma oração é iniciadora e a outra continuante. Não havendo uma dependência estrutural, sendo que uma das orações podem ser supridas sem afetar o significado da outra, pois ambas estão no mesmo nível. No segundo, a **hipotaxe**, em que a associação de orações ocorre de maneira desigual, pois os elementos possuem estatuto dependencial. Uma oração é dependente, enquanto a outra é dominante. O significado estabelecido por uma oração depende consideravelmente do significado da outra.

A partir da tradição gramatical podemos identificar essas relações de taxes como sendo o processo de **coordenação** que está atrelado a parataxe (do grego, para [$\pi\alpha\rho\alpha$] = ao lado de e taxe [$\tau\alpha\xi\eta$] ordenação), isto é, consiste em uma ordenação de orações, uma ao lado da outra, sem que haja um nexo de dependência entre elas) e ao processo de **subordinação** hipotaxe (do grego hipo [$v\pi\theta$] = posição inferior e taxe [$\tau\alpha\xi\eta$] = ordenação), ou seja, uma ordenação de duas orações, contudo há uma dependência entre elas, seja por meio de todos os seus elementos seja, apenas um deles.

A parataxe e a hipotaxe são processos que estabelecem nas orações o mesmo nível ou níveis diferentes. Para Halliday, a parataxe é um princípio lógico que mantém uma simetria e uma transitividade, ao passo que, a hipotaxe, é não-simétrica e não-transitiva. Podemos perceber essas relações a partir do quadro abaixo, adaptado por Halliday (1994):

Quadro 1 – Representações táticas e nexo oracional

Taxe	Primária	Secundária
Parataxe	1 (Iniciadora)	2 (Continuadora)
Hipotaxe	A (dominante)	β (Dependente)

Fonte: Elaborado a pela autora a partir de Halliday e Matthiessen (2004)

Podemos conferir que na parataxe, temos dois elementos que estão unidos sem que haja uma dependência estrutural. Os elementos pode perfeitamente ser supridos sem afetar o significado do outro, pois ambos possuem o mesmo status de dependência. Na hipotaxe, o fenômeno é diferente constatando alterações em suas relações. As orações estão unidas e são dependentes, havendo modificações. Isto é, o elemento dependente modifica o elemento independente.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 441), a parataxe e a hipotaxe são instrumentos “para guiar o desenvolvimento retórico do texto, tornando possível que a gramática garanta diferentes *status* das figuras dentro da sequência”. Esses nexos oracionais podem ser entendidos como orações interdependentes de parataxe e hipotaxe em um mesmo complexo oracional.

Na tradição gramatical a parataxe e a Hipotaxe são conhecidas como sinônimos, como já mencionado anteriormente. Segundo Prestes (2003) elas fazem referência a ordenação relativa ao mesmo nível e ao nível hierárquico. Poderíamos apresentar a singularidade a seguir:

- (i) Coordenação= Parataxe
- (ii) Subordinação= Hipotaxe.

Contudo, devemos levar em consideração que essa equivalência pode ser refutada pelos resultados semânticos lexical, em que não há sinônimos perfeitos. Cada item lexical se configura como um elemento único a apresentar características próprias. Autores como Lopez Garcia (2000) aponta para o fato de que nos termos latinos (coordenação e subordinação) podem ser conferidos, tanto para a união de orações como de frases, ao passo que, na terminologia grega (parataxe e hipotaxe) ocorrem apenas para a união que se referem a frases.

Segundo Hopper & Traugott (1993) todas as línguas possuem dispositivos que unem cláusulas e esse processo ele considera orações complexas. Essas podem ser entendidas a partir da definição sintática em que a unidade pode ser constituída por uma ou mais cláusula. Elas admitem núcleos adicionais ou marginais que mantém uma relação de dependência, além de diferentes graus. Os autores supracitados, então, estabeleceram três grupos para demonstrar isso, apresentando as conexões entre eles na combinação de cláusula, núcleo e marginais (1993, p.170):

- (i) Parataxe (Relativa independência, pragmaticamente, fazem sentido e são relevantes.)

- (ii) Hipotaxe (Independência, há um núcleo e uma ou mais cláusulas que estão numa relação de dependência).
- (iii) Subordinação (forma extrema encaixada, dependência completa em que as cláusulas marginais estão dentro das cláusulas nucleares.)

Percebemos um estudo diferente do apresentado por Halliday (1994) em que os autores ampliam essa noção, incluindo mais um tipo de relação, ao qual podemos conferir no quadro:

Quadro 2 - Representação da parataxe, hipotaxe e subordinação.

Parataxe	Hipotaxe	Subordinação
- dependente	+ dependente	+ dependente
- encaixada	- encaixada	+ encaixada

Fonte: Elaborado para este trabalho a partir de Halliday (1994)

Assim, os autores levam em consideração outros elementos, como os clíticos que sinalizam para o acoplamento das cláusulas, demonstrando uma noção semântico-pragmático que em determinadas línguas se configuram como uma forma mínima e em outras como máxima.

Hopper & Traugott (1993) demonstram que o grau de combinação das orações se estabelecem da seguinte forma; nas **orações paratáticas e hipotáticas** as estruturas sintáticas são mais “frouxas” e nas **orações subordinadas** estão mais integradas. Assim, nas duas primeiras as estruturas estão menos gramaticalizadas, em oposição a última que há um estágio mais acentuado de gramaticalização.

De acordo com Halliday “enquanto a parataxe é uma relação assimétrica, a relação lógico-semântica de expansão não é” (Halliday, 2004, p. 392). Podemos conferir a partir do exemplo “pão e geleia” não significa “geleia e pão”, pois não são sinônimos, mesmo um podendo implicar o outro. O fato é que através do contexto pode referir-se pela quantidade que se quis dar ênfase a geleia. Assim, somente a ordem do primeiro elemento para o 2(1^2) é que é possível. Essa modificação/mudança altera o sentido expresso pela proposição.

Contudo é importante fazer uma observação pontal em que essa relação assimétrica é estabelecida a partir de combinação com as Relação Lógico-Semânticas, assim em consonância apenas com essas relações elas estabelecem de forma diferente, segundo Prestes (2003, p.53) temos:

Segundo Halliday, uma relação paratática é, transitiva (...) nos exemplos paratáticos apresentados pelo autor, relativos a um nível de análise inferior, para melhor se compreender a problemática, “Salt and pepper” implica “pepper and Salt”, o que revela uma simétrica entre os dois constituintes, é “Salt and pepper”, “pepper and mustard” juntos implicam “Salt and mustard”, revelando, por sua uma relação transitiva.

Diante dessa constatação é necessário destacar essas dualidades de interpretações para que não haja duplas interpretações ou condições em relação a alguns trabalhos nessa área. Comprovando, assim, que as Relações Lógico-Semânticos, desenvolvidas no subtópico seguinte interferentemente nesse processo de simetria/assimetria das construções das frases, sendo fundamental analisar o contexto em que elas estão postuladas.

Na construção hipotática ocorre o oposto do processo de parataxe, nela há uma relação de hierarquia ou dominação e não uma continuação. Os elementos não são todos livres e autônomos, mas ocorre uma dependência de um sobre outro; portanto, o elemento que está na posição de domínio é livre e pode ter a sua autonomia garantida, em detrimento do segundo elemento que funciona como totalmente dependente e que tem a função de modificar a oração nuclear.

Da mesma forma que o levantamento apontado anteriormente, temos o estudo de Mello (2015) que afirma “em virtude de apresentar estatuto diferente, os elementos de uma construção hipotáticas são simétricos, ou seja, há uma escolha envolvida por parte do falante\autor no posicionamento da sequência das orações” (MELLO, 2015, p.19). Lembrando que essa noção se volta para a combinação do elemento da hipotaxe juntamente com as Relações Lógico-Semânticas, assim em contraponto essa noção, Prestes (2003, p.53) apresenta a noção advinda apenas do processo de Hipotaxe em si, dessa formas, temos:

(...) enquanto uma relação hipotática é logicamente não-simétrica e não-transitiva (...) quanto ao ambiente hipotático, Halliday exemplifica-o com “I breathe when I sbes” que não implica I sbes when I breathe”, assim demonstrando que a relação é não-simétrica, e com “I fret when I have to drive slowly” e “I have to drive slowly when, t’s been raining” que juntos, não implicam I fret when it’s been raining”, assim revelando uma relação não-transitiva.

Assim, a partir do exemplo, podemos perceber que as relações estabelecidas pelas autoras condizem com o estudo de Halliday, apenas há a contextualização que são postulados os seus “ditos” é que modificam o sentido de interpretação. A primeira autora se volta para as relações paratáticas e hipotáticas voltados para a combinação com as Relações Lógicos-Semânticas, enquanto, a segunda a porta para o processo em si, vendo-o sem a interferência dessas relações, ao qual já foi mencionado altera significativamente a relação de simetria e assimétricas.

Sendo assim, o processo de Parataxe e Hipotaxe são relações lógicas dentro de uma língua natural, sendo estratégias desenvolvidas pela gramática para a combinação de orações. A partir dessa perspectiva apresentamos o quadro a seguir desenvolvido por Mello (2015) para demonstrar o processo de parataxe e hipotaxe em combinação com as Relações Lógico-Semântica, adaptado de Halliday (1985).

Quadro 3 - Modelo de combinação de oração

		EIXO TÁTICO	
		PARATAXE (estatuto igual)	HIPOTAXE (estatuto desigual)
EXPANSÃO	Elaboração	Exposição: P isto é Q Exemplificação: P por exemplo Q Esclarecimento: P de fato Q	Orações relativas apositivas
	Extensão	Co-ordenação de orações: Adição (positiva e negativa): P e Q; não P nem Q Adversidade: não P mas Q Alternância: P ou Q	Hipotaxe de orações em: Adição: P além de Q Adversativa: P apesar de Q Alternância: se P não Q
	Realce	Co-ordenação de orações com traço circunstancial Tempo: P então Q; P e depois Q; primeiro P e Q Espaço: P e aqui/lá Q Modo: P e dessa maneira Q; P do mesmo modo Q Causa: P e por isso Q; P em vista disso Q Condição: P ou por outro lado Q; P caso contrário Q Concessão: P ainda Q; P assim mesmo Q	Orações circunstanciais Tempo: quando P, Q; antes que P, Q; Espaço: P onde Q Modo: P assim como Q Causa: P porque Q Condição: Se P, Q Concessão: P embora Q

Fonte: Adaptado de Halliday (1985) por Mello (2015, p.20).

Podemos conferir nesse modelo que segundo Mello (2015) “qualquer relação pode ser codificada tanto por arranjos paritários, como por arranjos hierárquicos, o que põe em questão a abordagem tradicional em termos da dicotomia coordenação X subordinação”. Contudo, a noção advinda dessas relações já foram esclarecidas anteriormente e que não levam em consideração o contexto de interação comunicativo; demonstrando sob a perspectiva paratático e hipotático efeitos de sentido diferente.

Outros autores como Neves aborda a temática elencando alguns pontos cruciais sobre esse estudo como:

- (i) Aborda a língua a partir de sua função e não de acordo com as estruturas componentes enunciado.
- (ii) Define explica os dois processos de entrelaçamento na língua: a parataxe segundo Neves (2006) ela representa um elemento organizador da sintaxe da língua, sendo considerada um elemento de organização da informação textual-discursiva. A sua utilização pelo falante envolve consequências na organização discursiva e a Hipotaxe Neves (2006) afirma que as proposições devem ter no mínimo uma hierarquia, possuindo uma relevância mútua).
- (iii) A autora aborda que ordem hipotático é mais livre do que as paratáticas.

A autora contribui significamente para o processo do sistema de independência, configurado por Halliday (1994), mostrando esses apontamentos. A teoria funcionalista sob o viés da sistêmico-funcional demonstra que essas relações de independência, podem também estarem combinados com as Relações Lógico-Semântica. Autores como Neves (2006) amplia a visão postulado por Halliday

(1994). Contudo a visão de Hopper & Traugott (1993) convergem como proposta para Halliday (1994), pois o processo de parataxe só irá existir se as relações que ela conferir fizer sentido e possuir uma certa relevância. Outras noções que estão em consonância com os estudos de Halliday (1994) é a noção das ordens das orações paratáticas.

A partir do que foi exposto até aqui, podemos elencar alguns pontos sobre o estudo do sistema de interdependência, assim temos:

- O sistema de interdependência foi postulado por Halliday.
- O sistema de interdependência é definido como elemento estrutural lógico da linguagem.
- As orações podem manter essa independência em um complexo oracional, mantendo um status de igualdade ou desigualdade.
- O sistema de interdependência se define por ser de dois tipos: parataxe (status iguais) e hipotaxe (status desiguais).
- A parataxe se define como sendo uma relação entre dois elementos de uma oração, onde um inicia e o outro continua. Não há dependência estrutural, um elemento pode ser suprido, sem que haja mudança de significado. Elas são mais livres, autônomos e expressam-se como um todo.
- A hipotaxe se define como sendo uma relação entre dois elementos de uma oração, onde um é dependente e o outro é dominante. Seus elementos estão unidos, através de dependência, em que um depende do significado do outro, assim, o elemento dependente modifica o elemento independente. Elas não são livres e autônomos, não podendo expressar-se como um todo, pois seu sentido fica comprometido.
- As relações de simetria/assimetria são definidos na parataxe e hipotaxe de forma diferente. Se as mesmas forem analisadas sob apenas essas relações ou combinação, com as Relações Lógico-Semântica, podem ambas adquirirem essas duas noções.
- Na tradição gramatical a parataxe e hipotaxe são conferidas como sinônimos dos termos latinos de coordenação e subordinação. Contudo é importante destacar que alguns autores aponta para os elementos de não equivalência já que esses últimos podem estar dispostos tanto para união de orações como frases, e os primeiros apenas para a união de frases.
- Há alguns autores em consonância com os estudos de Halliday (1994) como: Neves (2006) e Prestes (2003) e outros em discordância em alguns pontos como: Hopper & Traugott (1993), principalmente no que se refere as Relações Lógico-Semânticos.

Assim, o sistema de Interdependência estão relacionados ao componente que se configura uma língua uma organização mais estrutural e lógica. E o sistema tático que motiva essas relações de parataxe e hipotaxe que podem relacionar-se de forma semântica e constituir uma dimensão mais complexa oracional. Para Halliday (1994) o sistema da língua demonstra significados que são expressos por ele. Destarte, a língua ela é dinâmica e deve ser não só vista a partir de sua estrutura lógica, mas de todo o encadeamento das relações lógicas, semânticas e pragmáticas. O sistema de interdependência demonstra como as orações podem estar relacionadas, seja, de forma livre e autônomo (parataxe), seja de forma hierarquia (hipotaxe). Contudo, devem ser vistas também a partir do seu contexto de uso e das relações que as influenciam como as Relações Lógico-Semânticos.

1.3 AS RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS

As Relações Lógico-Semânticas são relações estabelecidas por meio de uma ordem semântica, e a partir de uma base lógica, segundo aponta Prestes (2003). Estabelecendo, assim, entre as orações um entrelaçamento de significações. De acordo com Halliday (1994) há dois tipos fundamentais de Relação Lógico Semânticas em que os termos e as orações são agrupadas: a Projeção e a Expansão.

Na Projeção uma oração se projeta através de outra, apresentando-se como uma locução, uma ideia ou um fato. De acordo com Halliday temos que a Projeção se configura como uma Relação Lógico-Semântica entre orações que tem como função não uma representação direta da experiência (não-linguista), mas a representação de uma representação (linguística)" (Halliday, 2004, p. 441).¹

Assim, a Projeção é um estrato semântico da linguagem, apresentando como um disperso e pode ser combinada com o Sistema de Interdependência (parataxe e hipotaxe). Na Projeção há alguns processos que envolve certos tipos de processos, como os verbais e mentais. Assim, envolve três tipos de projeções: (i) nível de Projeção (ideia X locução); (ii) modo de projeção (relato hipotático X citação paratática) e (iii) a função da fala (proposições projetadas X propostas projetadas). Desta maneira na oração complexa² temos o processo de Projeção que pode ser compreendido como uma representação do conteúdo (clausula mental-ideia ou clausula verbal-locação).

A Projeção por locução é entendida quando uma oração se projeta a partir de outra que a representa como algo já postulado (dito) ou expresso por palavras. Já a Projeção por Ideia, é compreendida como uma oração que é projetada e que representa como uma ideia, uma construção

¹ No original [...] logical-semantic relationship whereby a clause comes to function notes a direct representation of (nonlinguistic) experience but as a representation of a (linguistic) representation (HALLIDAY, 1994, p.250)

² Uma oração complexa ocorre quando uma oração núcleo está relacionada a outras orações que a modificam

que advém significados e pensamentos. Essas duas noções possibilitam a observações dos exemplos a seguir:

- (1) Quando você soube que era um escritor? - eu sempre soube. Não me lembro nem mesmo de ter pensado em fazer outra coisa depois de quinze ou dezesseis anos. (HALLIDAY, 2004, p.441).³
- (2) Mãe, você sabe onde a tesoura está? Preciso desesperadamente, desesperadamente dela. – O que? A autora. – Sim, pendurei- a no lugar de costume. (HALLIDAY, 2004, p.441).⁴

Ambos os exemplos demonstram a noção de Projeção por Halliday (2004), em que se constitui como um evento de mundo experienciado, isto é, um fenômeno da experiência que é interpretado e pode ser constituída como um processo de significado, sendo um fenômeno interpretado mentalmente. O fenômeno possui natureza material, de ordem física que deve ser interpretado linguisticamente e só a partir daí insere-se no estrato semiótico. É um evento do mundo físico realizado na linguagem pela linguagem. Portanto é a capacidade de projetar eventos semióticos que caracteriza a projeção, segundo Halliday e Matthiessen (2014). A Projeção pertence a esse domínio semântico e se insere em ambientes lexicogramaticais.

O processo de Projeção é entendido como um sistema lógico-semântico, pois “Lógico” refere-se a uma forma de organizar a experiência em sequências. Já o termo “semântico” se volta para as realizações interpretadas semioticamente como um elemento que pertence ao sistema gramatical da transitividade. Assim, dentro da Relação Lógico-Semântico incluindo no complexo oracional encontra um ambiente lexicogramatical ideal⁵ para a sua realização, de acordo com Araújo (2007).

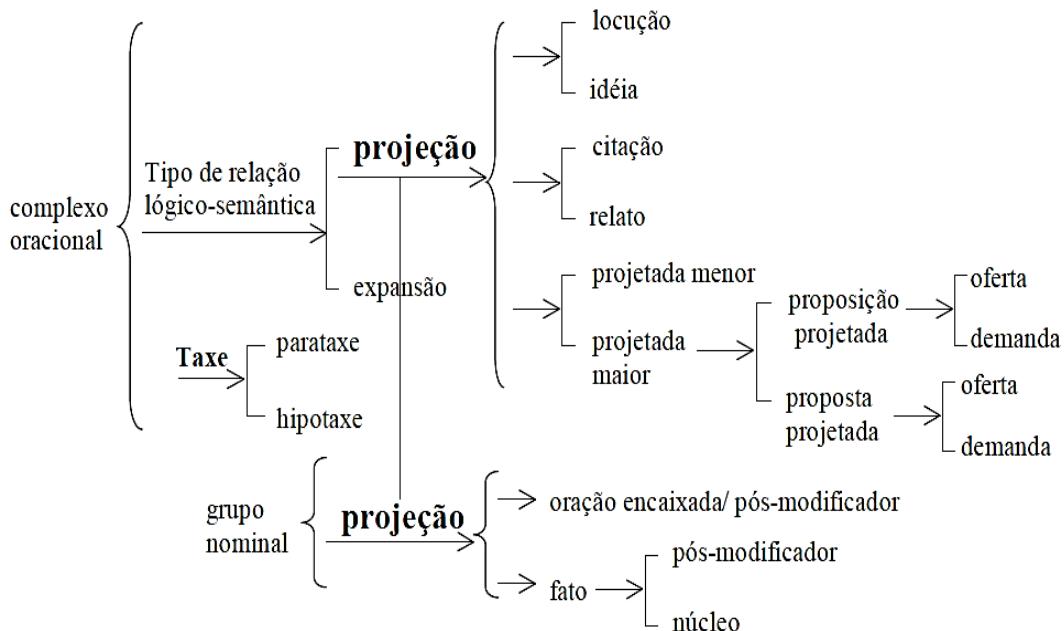
Podemos conferir que a Projeção está oposta ao processo de Expansão. Essa relacionada a mesma ordem da realidade, já aquela se volta para o plano da realidade que se configura como de segunda-ordem, a partir dos elementos semióticos. Para demonstrar as relações que a Projeção envolve temos o esquema a seguir desenvolvido por Araújo (2007) a partir dos postulados e estudos de Halliday e Matthiessen (2004).

³ No original: when did you know you were a writer? - I alwats Knew. I cant't remember even considering doing anything else after I was about fifteen or sixteen. (HALLIDAY, 2004, p. 441).

⁴ No original: Mum, do you know where the scissors are? I desperately, desperately need themwhant? The scissors - Yes, I hung the scissors up, in their usual spot (HALLIDAY, 2006, p.441).

⁵ É ideal, porém existe outros processos que podem abordá-lo como o processo de metaforização gramatical.

Figura 2 - Modelo de organização paradigmática dos sistemas relacionados à Projeção



Fonte: Araújo (2007).

Podemos ver dois tipos de relação, o primeiro Lógico-Semântica (dividido em Projeção e Expansão - são opostos e incidem sobre as orações) e o segundo a taxe (demonstrado a partir das relações de Parataxe e Hipotaxe).

Observando o esquema podemos conferir que a *locução* projeta a fala e se volta para os processos verbais; na *Ideia* temos a noção do pensamento, em que existe um processo que está composto de processo mental cognitivo.

Há diferenciações segundo Araújo (2007) para a noção de Ideia e Locução, se dá pelo fato de que o primeiro elemento é configurado na consciência do indivíduo não havendo uma troca de significado, ao passo que, o segundo elemento se configura como uma Projeção que é realizada verbalmente sendo externalizada para o mundo e que pode ser compartilhada. Podemos exemplificar a partir de Araújo (2007) que nos relata:

(...) enquanto evento externa lizado de mundo (i.e. fenômeno fraseado), a locução projetada pode ser direcionada a um receptor – “Ele **me** disse que (...)” – o que caracteriza uma situação de troca. Já a projeção de ideias, por não ser realizada como um evento externa lizado de mundo (mas sim como fenômeno no estrato semântico), em princípio, tal receptor tico), não admite, em princípio, tal receptor – “Ele **me** pensou que (...)” (ARAÚJO, 2007, p.49 e 50)

Os aspectos da Projeção por *locução* são percebidos claramente pelo receptor, já que ele é expresso, verbalizado e externalizado para o mundo, ao passo que, no processo de *ideia*, os elementos são apenas intuitivos, expresso de forma mental pelo locutor, não chegando a ser exposto. Diante da

ideia temos alguns verbos que possibilitam os aspectos mentais cognitivos como lembrar-se, recordar-se, esquecer-se, dentre outros que possibilitam a Projeção de ideias.

Para Halliday e Matthiessen (2014) a Projeção está relacionado ao sistema Lógico-Semântica. Lógico, pois se configura como um elemento organizado de experiências em uma sequência continua de eventos, possibilitando, assim, uma ordenação dos complexos oracionais. Ela é semântica devido a configuração de um sistema que se volta para a realidade semiótica. Desta forma, é logica, pois refere-se a função, e semântico, pois refere-se ao estrato.

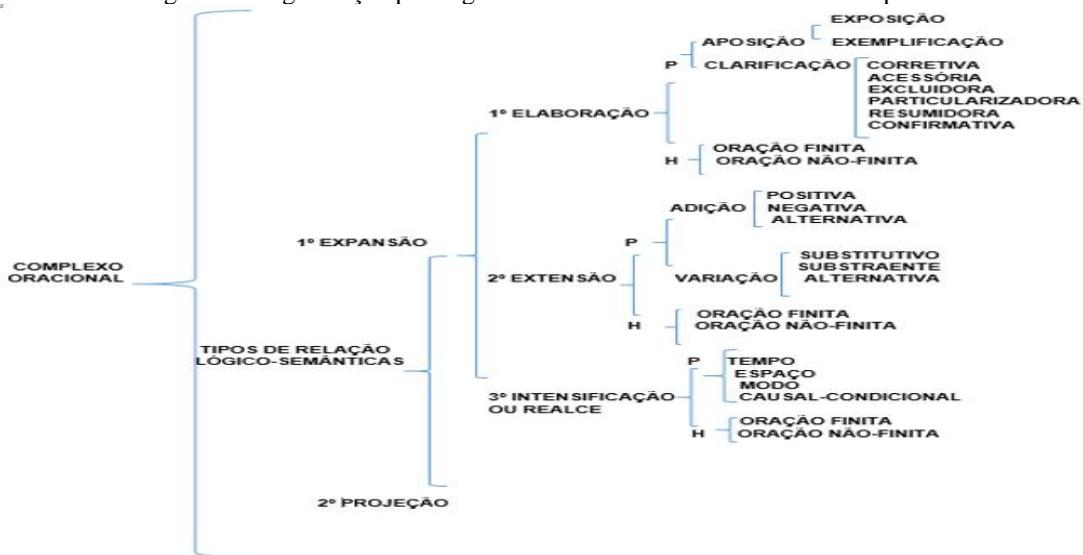
Portanto, as Relações Lógico-Semânticas podem ser desenvolvidas tanto no interior como entre os complexos. Esse último possui as mesmas características que o primeiro, embora haja alterações em algumas aplicações, já que os elementos são expandidos para o texto, não se fixando dentro do complexo oracional; sendo relações mais acentuadas.

As Relações Lógico-Semânticas possibilitam o entendimento de algumas características dos complexos oracionais aos quais a Gramática tradicional não conseguem “abrir”, já que só leva em consideração apenas os elementos sintáticos. As relações supracitadas possibilitam também a percepção da língua nos seus mais diversos contextos de uso. Essas relações demonstram uma funcionalidade ao conseguir articular as partes que compõe a oração.

1.4 AS RELAÇÕES DE EXPANSÃO NO COMPLEXO ORACIONAL E ENTRE COMPLEXOS ORACIONAIS

A Relação Lógico-Semântica de Expansão segundo Halliday e Matthissen, (2014, p.443) é quando “a oração secundária expande a oração primária, (a) elaborando-a, (b) estendendo-a ou (c) intensificando-a”.

Figura 3 - Organização paradigmática dos sistemas relacionados a Expansão



Fonte: Elaborado para este trabalho a partir das considerações apresentadas por Halliday (1994) e por Prestes (2003, p.57 a 78).

As relações que estão demonstradas na figura 4 tanto ocorre com orações (dentro do complexo oracional) como entre complexos oracionais (complexo oracionais distintos). No complexo oracional existem as subclasses, como as demonstradas, o que não ocorre com a relação existentes entre complexos oracionais. Para Halliday (1994) entre complexos oracionais existem um tipo de coesão ao qual ele define como Conjunção (junção), onde as relações estabelecidas entre os complexos são de causa e efeito, constituindo um elo coesivo que pode ou não ser explicitado por elementos linguísticos. Essa coesão é marcado por exemplo por; conjunções, adjuntos conjuntivos. Para Prestes (2003, p. 86) temos:

Nas relações coesivas entre complexos oracionais, a elaboração, a extensão e a intensificação não são passíveis de serem equacionadas em função das subdivisões referidas a propósito das relações parataxe e de hipotaxe apresentadas no capítulo anterior. De facto, por se tratar de um domínio diferente de expressão de relação lógico-semânticas, muitas das características daquelas relações, nomeadamente todas s que são motivadas por aspectos relativos às interdependências paratáctica e hipotácticas, não têm correspondência ao nível das relações entre complexos oracionais, onde essa interdependência não existe.

Desta forma, podemos perceber que enquanto no complexo oracional existem as divisões ao qual foi demonstrada na figura 4, entre complexos oracionais estabelece-se outro tipo de relação, de uma amplitude maior, uma junção. Além de percebemos que no interior do complexo oracional os marcadores ou conectores são essenciais para o reconhecimento da relação que está sendo estabelecida. No entanto, não são essenciais entre complexos oracionais, podendo ser suprimido em alguns casos ou

ser substituído por outros elementos linguísticos. No quadro a seguir temos as noções estabelecidas pelos tipos de Expansão que pode ocorrer no complexo oracional e entre complexos oracionais, veja:

Quadro 4: Relações lógico-semânticas de expansão

RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA	NOÇÕES ESTABELECIDA
EXPANSÃO	ELABORAÇÃO = ("igual")
	EXTENSÃO + ("é adiciona a")
	INTENSIFICAÇÃO X ("é multiplicado por")

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Halliday e Matthiessen (2014, p.444)

Na Expansão os fenômenos estão relacionados e apresentam-se com a mesma ordem de experiência, ao passo que na oração secundária há uma expansão da primária que pode se desenvolver por Elaboração (dizer em outras palavras), por Extensão (adiciona uma noção nova) e Intensificação ou Realce (especifica a noção de tempo, causa ou caracteriza por poder).

Na expansão por **Elaboração** segundo Halliday e Matthiessen (2014, p.444) “uma oração expande a outra elaborando-a (ou uma parte dela): dizendo em outras palavras, especificando em maiores detalhes, comentando ou exemplificando”. Desta maneira, a informação é mostrada de outra forma, em que a segunda oração desenvolve a primeira a partir de reformulações, especificações, exemplificações e comentando. Não é introduzido um novo significado a primeira oração, apenas é caracterizado o que já foi posto. Ainda a Elaboração pode estar associada a parataxe e a hipotaxe.

No interior do complexo oracional a Elaboração combinada com o processo de parataxe possibilita uma subdivisão a saber: a Aposição (a oração posterior especifica ou descreve a oração iniciadora, quer por exposição, quer por exemplificação) e a Clarificação (a oração secundária é reafirmado, resposto, sumariado, tornado mais preciso ou clarificado a oração primária). Quanto a combinação por hipotaxe temos uma descrição. A Aposição e a Clarificação também se subdivide em:

- **Aposição por Exposição** definida por Halliday e Matthiessen (2014, p. 463) como “a oração secundária reformula a tese da oração primária em outras palavras, a fim de apresentá-la sob

outro ponto de vista ou, talvez apenas reforça a mensagem”. Significando que o enunciador irá abordar com outras palavras aquela mesma informação.

- **Aposição por Explicação** segundo Halliday e Matthessen (2014, p. 463) “a segunda oração desenvolve a tese da oração primária, especificando mais o assunto e, muitas vezes, citando um exemplo real”. Desta maneira, a segunda oração exemplifica a primeira apontando pistas textuais e tornando o texto mais claro e de fácil compreensão de algum evento, fenômeno ou informação.
- **Clarificação Corretiva;**
- **Clarificação Acessória;**
- **Clarificação Excluidora;**
- **Clarificação Particularizadora;**
- **Clarificação Resumidora;**
- **Clarificação Recuperadora;**
- **Classificação Confirmativa**⁶

Para Halliday (1994) são estabelecidas duas tipologias para Elaboração no interior do complexo oracional com relação a parataxe; (a) a Aposição (incluída a exposição, em que a oração secundária representa a primeira sob outro viés, não elencando significado novo – e a exemplificação – pautada no exemplo para especificar a primeira). É importante destacar que alguns linguistas ver esse processo em dois elementos distintos e não como Aposição.

O segundo tipo é a (b) Classificação em que a segunda oração clarifica a primeira a partir dos propósitos do discurso. Dentro desse processo há subdivisão em sete tipos de acordo com Halliday (1994), sendo elas: corretiva, acessória, excluidora, particularizadora, resumidora, recuperadora e confirmativa.

Já a Elaboração combinada com o processo de Hipotaxe refere-se ao desenvolvimento de dois tipos de oração; desenvolvendo uma oração secundária descritiva em relação a primeira. Assim, tem-se a oração finita que pode ser vista como relativa conferindo uma informação adicional. Esses tipos de orações tanto pode operar uma restrição em relação a primeira oração sendo explicativa, quanto ela pode ser diferente ao se expressar, seja diante da escrita ou da oralidade.

Na oração não-finita há uma oração secundária que se desenvolve de modo menos específico. O sujeito fica implícito podendo ser interpretado a partir dos elementos componentes da oração

⁶ Essas subdivisões não é definida por Halliday, não apresentando definições para as mesmas.

primária, porém não deve ser entendida como uma regra geral. O significado das orações não-finitas não são tão específicas devido essas orações manterem uma relação semântica pouco explícita, dificultando a compreensão mais clara, concisa e específica dessas orações. A seguir tem-se o resumo quanto a relação Lógico-Semântica de Extensão por Elaboração.

Quadro 5: Relação Lógico-Semântica de Elaboração

Relação Lógico-Semântica de Extensão	Subtipo Paratático	Subtipo Hipotático
Elaboração	Aposição por Exposição ("isto é")	Descrição (Oração relativa não definidora)
	Aposição por Exemplificação ("por exemplo")	
	Clarificação ("na verdade")	

Fonte: Elabora a partir de Nunes (2018)

Na **Extensão** temos a ampliação do significado por meio de um processo de adição, subtração ou alternância. Eles podem ser estabelecidos de duas maneiras, com a Parataxe e com a Hipotaxe. Na Extensão paratática ocorre o que se denomina de co-ordenação entre as orações, ou seja, as orações estão em um mesmo nível, não havendo uma oração atuando sobre a outra, mas complementando e possuindo um sentido completo.

A Extensão combinada com a parataxe se desenvolve por meio de dois processos: a Adição (em que uma oração é adicionada a outra sem haver uma relação causal ou temporal, podendo ser subdividida em; positiva, negativa ou alternativa) e a variação (nele uma oração pode representar a outra sendo uma substituição total ou parcial de outra, segundo Halliday (1994) há três tipos que é a: substituinte, subtraente e alternativa). Sistematizando o que foi exposto, temos o seguinte quadro:

Quadro 6: Relação Lógico-Semântica de Extensão

Relação Lógico-Semântica	TIPOS	SUBTIPO PARATÁTICO	SUBTIPO HIPOTÁTICO	
			FINITAS	NÃO FINITAS
EXTENSÃO	ADIÇÃO	Positiva ("X e Y")	Enquanto isso	Além de
		Negativa ("nem X e nem Y")		
		Opositiva ("X é contrariamente Y")		Sem
	VARIAÇÃO	Substitutiva ("não X, mas Y")	Exceto que	Em vez de
		Subtrativa ("X, mas não todo X")		Exceto por
		Alternância ("X ou Y")	Se...não	

Fonte: Elabora a partir de Nunes (2018)

A Extensão combinada com a Hipotaxe não exclui os elementos exposto anteriormente, desenvolvendo-se a adição, substituição ou alternância e pode ser também conferida pelo processo de oração finita ou oração não-finita; variando, portanto, as noções apresentados anteriormente.

Na Oração finita o processo de adição só se desenvolve pelo tipo aditivo ou então adversativo. Esses dois processos não devem ser considerado através do modelo tradicional que demonstram algumas conjunções para exercerem essa função de adição ou adversidade. Desta forma, podemos conferir os exemplos a seguir e perceber o seu sentido através do contexto:

Ex (1): Maria passou no concurso e não foi contratada.

Ex (2): Maria passou no concurso, mas não foi contratada.

Assim, podemos perceber que ambas as sentenças exprimem o mesmo conteúdo semântico, embora os dois itens lexicais são diferentes e a classificação também; a primeira sentença de ordem aditiva (soma uma informação nova) em contraponto a segunda que é de ordem adversativa (o segundo elemento se opõe a informação da primeira). Desta forma, ambas as sentenças nos leva a fazer certa conclusão que é negada.

Ainda na Oração finita temos a variação que se dividi em subtração e alternância. Segundo Halliday (1994) há a possibilidade da relação de subtração poder mudar a ordem das orações, ao passo que na alternativa a ordem já está postulada de forma fixa, em que a dependente deve ocupar a primeira posição e a dominadora a segunda.

Na Oração não-finita temos que as orações são conhecidas pela ocorrência de uma ou um grupo de preposições aos quais tem a função de ligar termos conjuntivamente. Nesse processo a oração é tida como imperfectiva. Outro fator a ser considerado é o fato delas poderem ser divididas em Adição (sendo do tipo aditivo ou adversativo) e a Variação (ser do tipo substitutivo ou subtrativo). Dessa maneira, esses elementos se desenvolvem de forma a manter uma dependência do outro, sendo necessário a compreensão desse elo de ligação com função conjuntiva para o entendimento da oração por completo.

A Expansão por **Intensificação ou Realce**⁷, segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 476) “uma oração (ou subcomplexo) intensifica o significado de outra qualificado de outra qualificando-a em uma de uma série de maneiras possíveis: por referência a tempo, lugar, modo, causa e condição”. Esse processo se caracteriza pelo fato de uma oração intensificar ou realçar a outra qualificando-a a partir das relações de tempo, espaço, modo, causa, ou condição. As duas relações de parataxe e hipotaxe são bem semelhante. De acordo com Halliday (1994) a combinação da Intensificação ou Realce é desenvolvida pela parataxe um tipo de articulação entre as orações com uma co-ordenação, porém apresentando características de circunstância demonstrando mais os aspectos de tempo e causa. Elas são desenvolvidas a partir de quatro tipos; tempo, espaço, modo, e causal-temporal.

Nos subtipos de Realce temos as peculiaridades de cada elemento. No *tempo*, a oração pode ser conferida a partir da relação em que representa o mesmo tempo ou tempo diferente. Nessas orações fica claro a não postulada para realçar a primeira conferindo e estabelecendo noções temporais para os eventos. No segundo tipo, temos o *espaço*, sendo responsável para situar uma localização exata ou imprecisa sobre alguns eventos que se desenvolve a partir dessa informação. O *modo* nada mais é do que um instrumento, um meio ou recurso para elencar um determinado evento, além de ser possível estabelecer comparações. Na relação de causa- condição temos que observar os dois eixos, o primeiro que envolve a causa e, consequentemente, determina algo, elenca um resultado, sendo uma razão para a ocorrência de algo, já na condição é estabelecido como uma determinação para que algo ocorra, é estabelecido um “acordo”. A condição pode ser do tipo positivo, negativo e concessivo; dependendo do que foi postulado.

⁷ Ambos os termos possuem equivalência, porém o termo Intensificação é proposto por Halliday (1994) e o termo Realce por Ghio e Fernández (2008).

O Realce combinado com a hipotaxe se configura como sendo de duas ordem, como nos elementos anteriores, na oração finita e oração não-finita. Desse processo resulta o que tradicionalmente conhecemos como os adverbiais. Da mesma forma que na parataxe, também temos as mesmas relações, tempo, espaço, modo, causal-condicional. Na criação finita, a grande maioria é introduzida por uma conjunção, essa por sua vez, exerce a função de manter um elo de ligação e criar uma dependência. As conjunções, no entanto, podem ser estabelecidas por dois tipos; a primeira considerada simples e a segunda complexa. Elas são advindas não só da classe gramatical conjunção, propriamente dita, mas derivada dos verbos, nomes e advérbios ou outras classes que possui a função de estabelecer um elo entre as partes de um texto. Por último, temos as orações não-finitas em que o sujeito não aparece explícito e quando aparece na oração é sob a forma de um oblíquo ou possessivo. As noções circunstâncias são conferidas também aqui, porém, de modo menos específico, em que a oração secundária pode modificar o seu significado. A seguir temos a tabela que esquematiza todo o processo:

Quadro 7: Relação Lógico-Semântica de Intensificação

	CATEGORIA	SIGNIFICADO	PARATÁTICA	HIPOTÁTICA	
				FINITA	PREPOSIÇÃO NÃO FINITA
(I) TEMPO	MESMO TEMPO	A durante	(e) durante; (quando)	[extensão] Conforme, enquanto	No (curso/processo de)
				[ponto] quando, assim que, o momento	No/na
				[propagação] toda, vez que, sempre que	—
	TEMPO DIFERENTE: DEPOIS	A subsequentemente	(e) então; e + mais tarde	Depois, desde	depois

	TEMPO DIFERENTE: ANTES	A Previamente B	e/mas + antes que/ primeira mente	Antes, até	antes
(II) ESPACIAL	MESMO LUGAR	C no lugar de D	e ali	[extensão] até onde	—
				[ponto] onde	—
				propagação] onde quer que, em todo lugar	—
(III) MODO	MEIO	N é através de/por meio de M	e + daquela forma; (e) deste modo	—	Por meio de
	COMPARAÇÃO	N é como M	E +similar mente; (e) então, deste modo	Como, como se, da maneira	
	CAUSA: RAZÃO	Por causa de P então resultou-se Q	[causa ^ efeito] (e) então; e + Portanto		
(IV) CAUSAL- CONDICIONAL	CAUSA: PROpósito	Devido à intenção Q então a ação P	[efeito ^causa] por; (porque)		Com, através, por, como resultado, por causa de,
				Porque, visto que, uma vez que, considerando	(A fim de/para) para; por (causa de), com o intuito de, por medo de
	CAUSA: RESULTADO			Para que, de modo a	Para
	CONDICÃO: POSITIVA	Se não P então Q	(e) então; e + nesse caso	Tanto que	No caso de
	CONDICÃO: NEGATIVA	Se não P então Q	Se não; (ou) caso contrário	Se, desde que	Mas por, sem
	CONDICÃO: CONCESSIVA	Se P então contrário à expectativa Q	[concessão ^ Consequência] mas; (e) ainda, mas + no entato.	Mesmo se, ainda que, embora, enquanto	Apesar de, sem

			[consequência ^ concessão] (embora)		
--	--	--	---	--	--

Fonte: Elaborado a partir de Nunes (2018)

De acordo com o **quadro 7** tem-se que as relações de intensificação abrange as combinações com a parataxe e com a hipotaxe.

Podemos afirmar a partir do exposto anteriormente que as relações do sistema Lógico-Semântica influência no contexto das orações e que associados ao sistema de Interdependência (parataxe e hipotaxe) podem ser ampliada o seu sentido. Desta forma, Halliday (2004) não deixa de lado a Sintaxe, apenas a associa os aspectos da Semântica, portanto, a relação lógico não elimina os aspectos de sentido.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas permitiram sintetizar os principais fundamentos do Complexo Oracional e do Sistema de Interdependência na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Observamos que a organização lógica entre orações não pode ser compreendida apenas por critérios estruturais, como faz tradicionalmente a gramática da coordenação e subordinação. Na LSF, a articulação oracional é tratada como um fenômeno semântico-discursivo, orientado pelas funções que o texto desempenha em contextos reais de uso.

A distinção entre parataxe e hipotaxe, aliada à diferenciação entre projeção e expansão, revela que as escolhas linguísticas realizadas pelo enunciador produzem efeitos de sentido específicos. Tais escolhas estruturam o fluxo informacional, organizam relações de causa, tempo, consequência, reformulação e adição, e contribuem para a clareza e eficácia comunicativa.

Dentre as relações analisadas, a Expansão, especialmente nas modalidades de Elaboração, Extensão e Intensificação, mostra-se central para a construção dos sentidos em textos acadêmicos. Ela possibilita detalhar ideias, acrescentar novas informações ou realçar aspectos importantes dos conteúdos apresentados, funcionando como um eixo articulador da progressão temática.

Assim, compreender esses mecanismos da LSF é fundamental não apenas para análises linguísticas, mas também para o aperfeiçoamento das práticas de leitura e produção textual. O domínio do Complexo Oracional favorece a construção de textos mais coesos, coerentes e organizados de maneira funcional, permitindo ao produtor do discurso empregar, de forma consciente, estratégias que tornam o texto mais claro, fluido e semanticamente preciso.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR F. A e S. “É o seguinte”: limites entre elaboração e projeção. *Estudos Linguísticos* São Paulo, 42 (1): p. 127-136, jan-abr 2013.
- ARAÚJO. C. G. **O Sistema Semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro: uma descriminação sistêmico-funcional orientada para os estudos linguísticos da tradução.** Dissertação. UFMG. Belo Horizonte (2007).
- BARBARA, L; MACEDO, C.M.M. de. **Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso:** um panorama introdutório. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília: UNB, v.10, n.1, p. 89-107, 2009.
- BERBER SARDINHA. T. **Linguística de corpus** São Paulo, Manole 2004.
- BERBER-SARDINHA, T. **Pesquisa em Linguística de corpus com WordSmith Tools.** Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- BOGDAN, C.R.; BIKLEN, S.K. **Investigação quantitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.
- CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática.** 19º- ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1998.
- CARVALHO, Cristina dos Santos. **Processos Sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas.** VEREDAS-Ver. Est. Ling.; Juiz de fora, v. 8, n. 1, p.9-27; Jan./ jun.2004.
- CHARARAUEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso.** Coordenação de tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: contexto, 2004.
- CUNHA, C & CINTRA, L.L **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DECAT, C.; CINTRA, L. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. In: **Descrição do Português: abordagens funcionalistas.** Série Encontros. ano XVI< nº 1. Araraquara: Unesp, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FAVERO L.L **O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão.** In: KIRST, M.; CLEMENTE, I. Linguística aplicada ao ensino do português. Porto Alegre: Mercado Abert, 1987.p.51-61.
- FUZER, C. e CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática Sistêmica-Funcional em Língua Portuguesa.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Revista Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24. jan./jun. p.13-47, 2009.
- GHIO, E; FERNANDEZ, M. D. **Linguística sistemico-funcional: aplicaciones a la lengua española.** Santa Fe: Universidad del Litoral/ Waldhuter Editores, 2008
- GUIMARÃES, E. **A Articulação do texto.** 6º-ed. São Paulo: Ática, 87 p.; 1999.
- HOPPER, P. J. & TRAUTGOTT, E.C **Gramaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HALLIDAY. M.A.K. **El lenguaje como semiótica social – la interpretación social del lenguaje y del significado.** Santa Fé de Bogotá, Colômbia: Fondo de Cultura Econômica, 1998.
- HALLIDAY. M.A.K & HASAN .R. **Cohesion in English.** London: Longman, 1976.
- HALLIDAY. M.A.K.; HASAN, R. **Cohesion in English.** London and New York: Longman, 1976.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to functional Grammar. Revised by Christian. M.I.M.** Matthiessen. London: Arnold, 2004 [1985].

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.. **Construing experience though meaning: a language-based approach to cognition.** London. Cassell, 1999.

HALLIDAY, M.A.K. **The language of science.** New York: continuum, 2004.

HALLIDAY, M.A.K.: MATTHIESSEN, C.M.I.M. **Construing experience through meaning: a language – based approach to cognition.** London: Cassell. 1999

HALLIDAY, M.A.K.: MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An introduction to functional grammar.** Third Edition. London: Hodder Education, 2004.

HALLIDAY, M.A.K.: MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An introduction to functional grammar.**

Revised by Chistian M.I.m. Matthiessen, London: Arnold, 2014.

KRESS, G. **Linguistic processes in sociocultural practice.** Oxford: Oxford University Press, 1989 [1985]

KOCH, I.G.V. **A coesão textual.** 21 ed., 2º- reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

LEON, Jacqueline. **A linguística de Corpus: história, problemas, legitimidade.** Revista Filol. Linguíst. Port.; n.8, p. 51-81, 2006.

LONGHIN, S. O modo paratático de junção: considerações sobre o pareamento entre forma e significado. In: RODRIGUES, V. (Org.) **Gramaticalização, Combinação de Claúsulas e Conectores.** Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, 2003.

LOPEZ GARCIA, A. Relaciones Paratácticas e Hipotácticas. In: **Gramática Descriptiva de la Legua Española dirigida por Ignacio Bosque e Violeta Demonte:** Real Academia Española, colección Nebrija y Bello, Madrid, Espasa Calpe.

LÍRIO, C. J. **Uma Investigação das relações Lógico-Semânticas em um Panfleto Instrucional Anti-Racista.** Anais do SIEL. V.1. Überlândia: EDUFU, 2009.

MARTIN, J.R. **English text: system and structure.** Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, J.R.; ROSE, D. **Working with discourse:** meaning beyond the clause. London and New York: Continuum, 2007.

MARTIN, J.R; WHITE, P.R.R. **The Language of Evaluation:** appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MATEUS, M. H. M. (et al.). **Gramática da língua portuguesa.** 5. Ed., Lisboa: caminho, 2003.

MATTHIESSEN, C.M.I.M; NESBITT, C. On the Idea of Theory-Neutral Descriptions. In: HASAN, R; CLORAN, C; BUTT, D. (eds). **Functional descriptions: theory in practice.** Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Press, 1996, p.39-83.

MATTHIESSEN, C.M.I.M; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J; THOMPSON, S.A. (EDS). **Clause combining in grammar and discourse.** Amsterdam: Benjamins, 1988.

MELLO, M. B. **Parataxe e Tradição Discursiva:** orações paratáticas justapostas em sincronias pretéritas do Português. São José do Rio Preto: UNESP 2015. (Dissertação de Mestrado).

MENDES, W. V. **Corpus da pesquisa os processos do dizer na produção científica dos graduandos em letras do CAMEAM.** Pau dos Ferros: UERN, 2011. Documento eletrônico em formato *. Txt. 2, 21 MB. Bloco de notas. Microsoft Corporation.

MENDES, W. V.; PEREIRA DE PAULA, J. **Mecanismos de sequenciamento e explicação em textos acadêmicos de graduandos em Letras.** Pau dos Ferros: UERN, 2013. Documento eletrônico em formato *. Txt. 2,25 MB. Bloco de notas. Microsoft Corporation.

MENDES, W. V. **Mecanismos de Junção em textos acadêmicos:** uma abordagem sistêmico-funcional. Natal: PPGEL/CCHLA/UFRN 2016. (Tese de doutorado).

MEURER, J.L. Esboço de um modelo de produção de textos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Eds.). **Parâmetros de textualização.** Santa Maria: Editora da UFSM, 1997.

NEVES. M. H. M. **Conectar significados. Ou: A formação de enunciados complexos.** In: Texto e Gramática. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do Português.** 2 ed. São Paulo: UNESP, 2011.

NEVES. M.H.de M. **A construção das orações complexas.** São Paulo: contexto, 2016.

NUNES, G. G. **Relações Lógico-Semânticas na Organização Sequencial da Argumentação em Textos: Um estudo Sistêmico-Funcional.** PPGL/CAL/UFSM 2018. (Tese de Doutorado).

OLIVEIRA, M.M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 5 ed. São Paulo: Vozes, 2002.

PALADINO. V. da C. **Coesão e coerência textuais; teoria e prática.** Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 2006.

PRESTES, B.L.C. **Sobre as Relações Lógico-semânticas no domínio do texto.** 2003. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SALGADO, J. L. Adverbios modalizadores discursivos, adverbios de comentario avaliativos ou palavras modais? Um estudo comparative das descrições gramaticais do item lexical adverbio em portugues e alemão. **Pandaemonium**, São Paulo, v.15, n.19, Jul./2012, p.154-184.

www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum

SAMPAIO, S. M. As Relações Lógico-Semânticas de Projeção em Textos Acadêmicos. Judiaí, SP: Paco, 2019.

SCOTT, M. **WordSmith Tools.** Oxford: Oxford Univesity Press, 2012.

SIMÕES, D. M. P. A produção de textos acadêmicos. In: ____; HENRIQUES,C. C. (Orgs.) **A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Ed. Da UERJ, 2002.

SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation.** Oxford University Press, 1991.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed,2008.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa.** 10. Ed. Petrópolis, RJ, 2013.